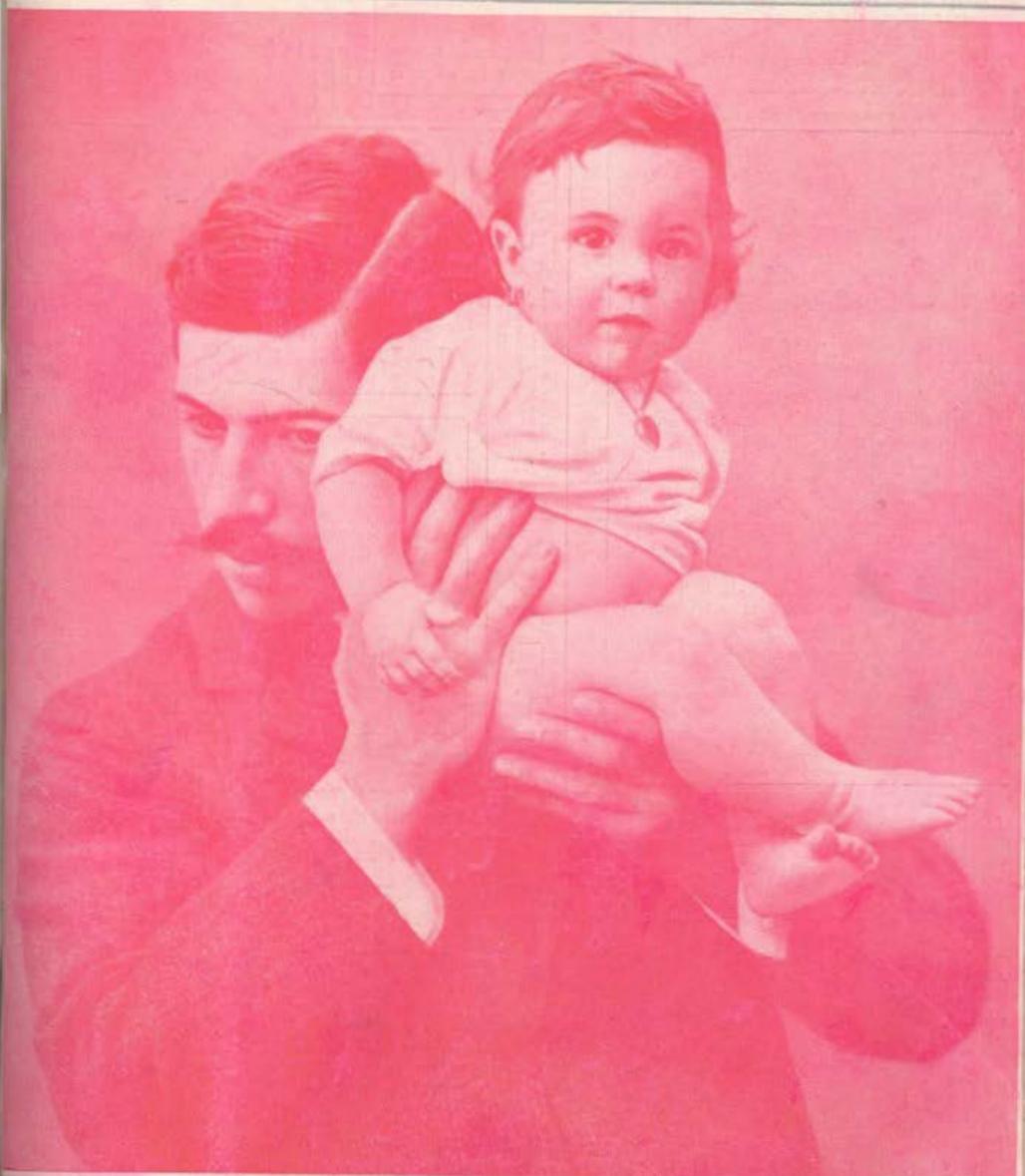


# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa			
ANNO.....	4\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA		ANNO.....	2\$000
Semestre.....	2\$400	Trimestre.....	1\$000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	1\$200	Semestre.....	4\$000		

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: UMA AUSCULTAÇÃO (cliché da phot. Vasquez) • Texto: AS REUNIÕES POLITICAS: PARTIDO PROGRESSISTA, 8 illustr. • PARTIDO REGENERADOR, 11 illustr. • DA INVASÃO FRANCEZA 'A CONCENTRAÇÃO LIBERAL: HISTORIA DE UM VELHO PALACIO, 10 illustr. • QUEM ERA CROMWELL, 5 illustr. • LACTARIO DE LISBOA, 44 illustr. • UMA SESSÃO PARLAMENTAR: EM 1822, 11 illustr. • O DEPUTADO D. RAFAEL CALZADA EM LISBOA, 5 illustr. • AS CLASSES INACTIVAS, 13 illustr. • A FESTA DA PADROEIRA NA SÉ. a il-



# Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, atormoseados, fortificados com as **Pilulas Orientaes**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saude. Aprovado pelas notabilidades medicas. **J. Ratte, Ph. 5, Passage Verdun, PARIS.** Frasco com instruções, **15500 rs.** Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

## NÃO COMPREM NENHUMA SEDA

Sem pedir antes as amostras das nossas altas novidades garantidas e solidas e Especial dadas: **estofos de sedas para trajes de casamento, de baile, de solteiro e de passeio**, bem como para **blusas, farras**, etc., em preto, branco e cor, de 1 fr. 30 a 18 fr. 50 o metro. **Vendemos directamente aos particulares** e enviamos aos domicilios **francos de porte**, os estofos escolhidos.

**SCHWEIZER & C. A**  
LUCERNE Z. 20 SUISSA  
Exportação de sedas

## Companhia \*\*\*\*\* DO \*\*\*\*\* Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrevirinho (Thomas), Feneo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

Escritorios e depositos  
**LISBOA—270, Rua da Princeza, 276**  
**PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51**  
Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto — Lisboa, N.º telephon. 508



REMIADA em varias EXPOSICOES e FORNECEDORES de CASA REAL



NOUVEAU PARFUM  
**PRINCEIA VIOLET**  
no 12 des Italiens, PARIS

**PRINCEIA VIOLET**



## Parfumerie AZUREA L.T. PIVET - PARIS

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chromatic e physionomista da Europa

# Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja  
**LISBOA**

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

**Violet** SABÃO REAL DE THRIDACE  
PARIS Sabão "Veloutine"  
Branco, para a limpeza da Pele e Alivura do Rosto.

**Gaston Lot**  
PROTHESE DENTARIA  
EXTRACÇÃO do dentes sem dor desde 000 rs.  
15000 réis.  
Colocação de dentes desde  
Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.º  
(Ao Calhariz)  
TELEPHONE 1:882

**Farinha lactea Nestlé**  
PREÇO 400 RÉIS  
36 medalhas de OURO incluindo a conferida na EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

# AS REUNIÕES POLITICAS

## PARTIDO PROGRESSISTA



O sr. conselheiro José Luciano de Castro no seu gabinete de trabalho  
— O sr. Lourenço Cayolla entrando em casa do chefe progressista  
— O sr. Ravasco e seu filho conversando na rua dos Navegantes



O sr. conselheiro Moreira Junior à porta do sr. José Luciano — Os srs. conselheiro Sebastião Telles e Alberto Monteiro — A reunião do partido progressista — O sr. conselheiro Antonio Cabral entrando para a reunião — O sr. dr. Cabral Metello encaminhando-se para casa do sr. José Luciano

AS  
REUNIÕES  
POLITICAS  
O  
PARTIDO  
REGENERADOR



O sr. Julio de Vilhena com os srs. Wenceslau de Lima, Reis Torgal, conde de Paçõ Vieira e outros correligionarios  
 —O sr. conde de Villar Secco—O sr. José de Azevedo Castello Branco  
 —Os srs. conselheiro Wenceslau de Lima e dr. Reis Torgal—O sr. conselheiro Mattoso Santos



O chefe do partido regenerador com um grupo dos seus amigos políticos—No jardim do palacio da Ega  
 —O sr. Julio de Vilhena e o sr. conde da Folgosa—O sr. conde de Paçõ Vieira  
 —O sr. conselheiro Vargas com os srs. Visgilio Teixeira, Hoyta e Costa e Albano da Cunha—O sr. conde de Valença  
 com o sr. dr. Nobre de Mello (CLICHÉS DE BENOLIEL)

# DA INVASÃO FRANCESA À CONCENTRAÇÃO LIBERAL

## HISTORIA DE UM VELHO PALACIO



*Tendo sido escolhidas, para nellas se effectuar a assemblea geral do partido regenerador, as salas do palacio da condessa da Ega, hofe propriedade do sr. conde da Folgosa, no pateo do Saldanha — a Junqueira — torna-se curiosa a descripção e a historia d'esse palacio ○○○○○*

**S**UBINDO da Junqueira para o Giestal, encontra-se, a direita, como um velho pateo, um meio circuito de casebres, que parece abrir alas a um palacio vetusto, roido pelas eras, tismado pelo tempo, com as suas varandas ferrugentas, os seus telhados esverdeinhados de plantas parasitas que lá nasceram. Tem na portaria uma pedra d'armas; um chorão tristonho e farto parece escorrer d'um varandim do terra-



ha uma sala menos mal conservada, que tem portas es-  
pelhadas, columnas altas e lavradas, tectos em cupula  
bizarramente afestoados e d'onde pendem lustres  
antigos. Uma estatua da musica, forte e  
vultuosa, na sua pedra alva, domina na casa.  
Chamam a sala dos *Marcheas* áquelle lugar,

ço e na casa de baixo trabalha um  
carpinteiro de carros. A' noite é si-  
nistro como um covil, de dia é uma  
melancholica ruina que como todas  
as ruinas, nos faz pensar na sua his-  
toria. Ha um seculo que as janellas  
se não illuminam, ellas, que ou-  
tr'ora, resplandeceram; que, por  
aquellas salas enormes apenas ha  
tapetes de cereaes e alfarrobas, que  
seccam, sob os tectos, onde ha ainda  
festões meio apagados, grinadas com  
passaros e flores d'um tom vivo,  
como se fossem pintadas na vespera,  
alegres na ruina que alastra. Lá ao  
fundo, abrindo para os jardins for-  
mosos, com os seus lagos e moitões,  
que tem o ar d'uma  
legenda a não se quer  
apagar n'um muro esbo-  
roado.

Foi ali que o partido  
regenerador reuniu. Ha  
um seculo miraram-se  
nos espelhos das portas  
rostos formosos de secias,  
corpos soberbos e encol-  
letados, sob as sedas ri-  
cas, inclinaram-se na gra-  
ve reverencia do minuete  
para os bustos dragona-



General Junot—Conselheiro Julio de Vilhena—Duqueza de Abrantes—O palacio da Ega



dos dos officiaes francezes e para os peraltas saltitantes e melliduos. Agora, aquelles espelhos reflectiam as sobrecasacas modernas dos partidarios, os seus gestos arrebatados; e as suas indignações coloricas reboaram ali, onde pairou antigamente o fremito ligeiro das cavatinas. O sr. Julio de Vilhena presidiu na casa onde Junot foi dominador; os jornaes contaram as deliberações dos regeneradores juntos no logar onde se fizeram outr'ora conciliabulos, se tramaram conjuras, que uma linda mulher guiava com o seu leque e com as suas garridices.

O velho palacio albergou aquelles que clamaram alto, quando outr'ora soube guardar segredos, como o d'aquella casa, sem janella, para a qual se entra por uma portinha mysteriosa e onde paira ainda um vago perfume, um subtil aroma, como se, no fundo d'aquelle aposento, tivesse ficado, durante o seculo, a camisa de noite d'uma grande dama galante. Pelas paredes ha ainda restos de sedas cremes, farrapos, traparia; é uma carcassa de quarto d'amores onde apenas ficou o ligeiro odor das essencias de serralho. Armados de tropos, flamejando raivas, tomando deliberações, harmonicas com o espirito do tempo, os regeneradores não deram por aquelle perfume singular de quarto de mulher.

Foi talvez ali que Junot passou as suas noites de adulterio voluptuoso e de combinações politicas, entre as bretanhas finas d'um leito, a apertar contra o peito robusto e tatuado de cicatrizes a carne branca da senhora da Ega, a mulher do antigo proprietario do palacio, Ayres de Saldanha, conde de velha estirpe e marido complacente.

A condessinha da Ega era filha da marquezia de Alorna, a poetisa; seu avô estivera preso ali perto, no forte da Junqueira, cujas columnas ponteagudas se avistam do terraço do palacio. Expou ali o crime de conspirar contra Pombal. Ella era tentadora; casara com esse conde, igual em feitio aos peralvilhos do tempo, todo de decretos e futilidades. Os homens resavam e amavam mais a marmelada das portarias conventuaes do que as aventuras tunantescas, em que havia vinho e sangue, como dois reinados antes.

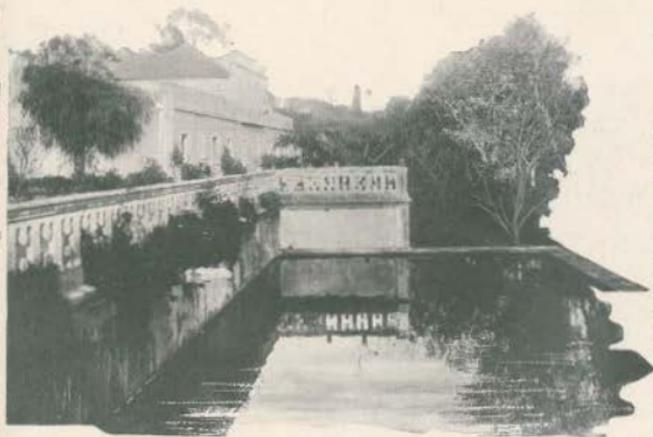
As mulheres anciavam por amor e encontravam-se a dar beijos furiosos e a solçar, no goso, *Avés Marias*. Não havia arrancos argos de patriotismo nem se puxavam laminas de espadas. Havia sorrisos tímidos e palavras receosas. Era em 1807. Ha um seculo. Em 1907 os regeneradores acharam que tudo isto mudou. Arranjaram uma fusilaria activa e á falta de espadas, já em desuso, desembainharam protestos.

N'aquella epoca a côrte fugira para o Brazil, receando os francezes. No caes de Belem D. Maria I estrebuchára na sua furia louca. N'aquelle momento da fuga tumultuosa, só ella queria ficar; só a doida parecia ter o sentimento da razão. Mas não a ouviram. Para palavras loucas, orelhas moucas.

Quando os churriões partiram, atulhados de riquezas, os francezes chegaram. Era um bando famelico, mas deante d'elle os fidalgos mais antigos d'esta terra dobraram o joelho. O marido da Ega fez-se amigo de Junot; e ella — farta de vér peralvilhos — achou no general francez um homem, um verdadeiro homem, um soldado severo e violento, illustre pelas campanhas ao lado de Napoleão e



A grade do jardim do palacio, na rua da Junqueira  
— A antiga sala do throno no palacio da Ega



que vinha, ainda quente dos beijos adúlteros d'uma princeza imperial — a princeza Murat, irmã do imperador — expiar a culpa de ter possuído essa realeza carne peccadora.

Então a Ega, fascinada, deu-se-lhe; foi sua amante aos olhos de todos, em frente do marido, que a deixava á solta, dizendo a sorrir *ser necessario conquistar o conquistador*.

Foi assim que começaram as traições n'aquelle velho palacio, onde os regeneradores agora reuniram para se lancarem n'um combate contra o governo, guiados pelo sr. Julio de Vilhena, que é, tambem ali, após um seculo, como um general que chega, illustrado pelas campanhas.

Onde se quiz perder a patria, os regeneradores pensam, ao que dizem, em salvar-a, a seu modo, em arcanços e em moções. Aos amores da Ega succederam as indignações d'um partido que toca a rebate. Esquecida a historia velha, elle entra a querer fazer historia moderna. A antiga tem o sabor picante d'uma aventura romantica; a de hoje como será vista pelos que fizerem um dia — d'aqui a um seculo — a sua evocação?

Junot e a amante, por fim, já se installavam desvergonhadamente em face da cortezania humilhante dos fidalgos e da complacencia molle do marido d'ella. Começaram as tardes amorosas n'aquellas salas, as manhãs no picadeiro de Belem, onde lhe ensinava equitação, as fugas de dias para o Ramalhão e para Queluz, as noites de amor na alcova da condessa, após as esplendidas festas do palacio e que Junot pagava. O marido accceitava aquella concubinação como um logar rendoso, que Junot lhe dera com a presidencia da Junta dos Tres Estados; a mulher adorava o amante e sonhava futuros gloriosos. Andava pendurada ao seu pescoco engolado d'oi-

ro; perdia-se com elle nos recantos da sala, soluçava-lhe ternuras, combinava — aquellas horas em que tudo se diz — uma nova traição: a da patria! Sonhava um logar á beira d'um throno, adulada e querida, ajudando a segurar um sceptro e tornando facil a tarefa do soberano com os seus beijos. Esse rei seria Junot, já duque d'Abrantes, casado com uma mulher espiritual e espirituosa, que andava — ao saber dos seus amores com a Ega — lá por França a amar o embaixador austriaco, Metternich. Junot podia ser o rei de Portugal; Murat ia reinar em Napoles. A nobreza beijava-lhe a mão em S. Carlos e talvez que elle — n'um intervalo d'amor e de orgu-

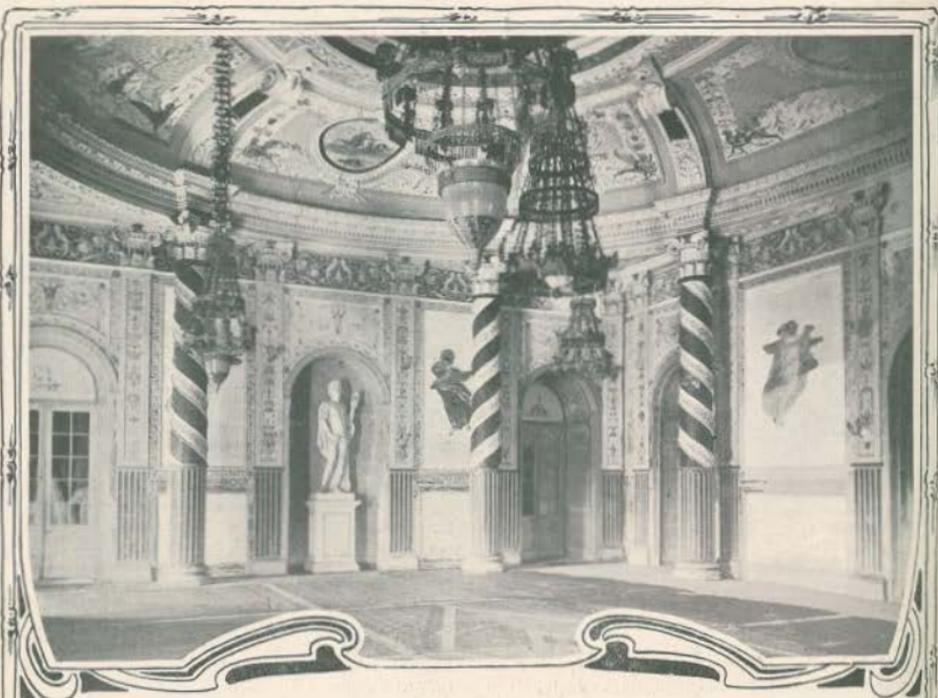
lho — já tivesse tambem tomado logar n'um velho throno desmantelado, que ainda hoje existe no palacio do pateo do Saldanha. A tarefa parecia facil. Não estava ali uma recua de nobres prompta para tudo?! O conde da Ega assignou a mensagem na qual se pedia a Napoleão um rei, da *sua inteira confiança*, para Portugal. Seria Junot, davam-no a entender. A nobreza submettia-se, n'um papel vil, onde gatafunbavam assignaturas os marquezes de Penalva, Marialva, Valença e Abrantes, os condes de Sabugal e de Arganil, o visconde de Barbacena, D. José de Mello e Tavora, o bispo de Coimbra, D. Nuno Alvares Pereira de Mello e D. Lourenço de Lima.

Estes homens, que vendiam a patria, achavam bem a protervia da Ega, e ella, que os via enfodoados, não se cohibia mais: andava agarrada ao amante e tinha scenas com a Foy, um mulherão bravo, que se fardava de *hussard*, andava pelas ruas escarrançada n'um cavallo e fóra tambem amasia de Junot.

N'aquella atmospheria já não pairam os echos de tudo isto. Abriram-se as janellas do palacio e o sol entrou; as arvores dos jardins ouviram as palavras dos regeneradores; n'aquelle antro de conjurações foram enfileirar-se os membros d'um partido que pro-



O palacete e o lago do jardim  
— O lado sul do palacio



testa, ao mesmo tempo que, n'outro logar, os seus allia-dos deliberaram tambem. A Ega queria fazer um rei; o bloço quer destruir um governo. Que destino o das casas?!

O caso da Ega terminou d'uma forma curiosa, como terminará, porventura, o d'aquelles que se juntaram no seu palacio!

Quando foi da derrota dos francezes e se fez a convenção de Cintra, Junot partiu e levou consigo a amante e o marido d'ella. Os condes eram mais um contrapezo nas bagagens, onde iam muitos roubos, pannos de raz, pratos, preciosidades, oiro, dinheiro.

Napoleão estava irritado com o vencido. Mandou-o governar a Illyria. Elle recolheu-se à cazinha paterna, em Montbard, preferiu ao exilio dourado a morte, como um romano. Enlouqueceu, dizem, e cortou as veias. O seu roupão de noite ficou vermelho de sangue. Era a purpura de rei com que sonhara; era a tragedia de muitas realezas. Os condes da Ega viveram d'uma pensão que lhes dava o imperador. O conde morreu; ella continuou a ter amantes, andou de mão em mão e acabou bem, a conspiradora: casou burguezmente.

E assim terminou n'uma serena quietação, n'um vulgar acto, aquillo que parecera uma revolução na historia d'uma dynastia. A Ega casou!

Vencidos os francezes, Beresford veio governar Portugal. Os membros da regencia, panas de palha, com pópas empoadas e espadins a baterem-lhes

nas canellas, offereceram-lhe o palacio do pateo do Saldanha. Para lá foi. Parece que sonhou tambem em ser rei. Napoleão habituara os generaes francezes à coria. Aquelle inglez tambem se afrancezou muito. D'ali, d'aquelle palacio, dictou e escreveu cartas a sir Arthur Campbell — governador de S. Julião da Barra — acerca de Gomes Freire, preso na fortaleza, e d'ali partiram as ordens para as tropas assistirem à execução.

Agora, depois da assembléa geral dos regeneradores, já não parece tão mysterioso e terrivel o palacio velho do pateo do Saldanha. Entrou lá o sol e talvez que já fugisse esse doce perfume de mulher que existia n'essa salinha cerrada, como se a sombra da traidora e linda Ega ainda por ali errasse ás noites. Mas são apenas os farrapos de seda que o exhalam n'aquelle sitio; nos outros amontoam-se productos da horta e do pomar, alfarrobas seccas, atapetando os salões onde tanto romance se gerou. Em vez do deslizar dos peralhas ha o bater dos pés do caseiro, que vae fazendo lenha para o lume d'esse velho throno carcomido lá deixado esquecido para um canto. Em vez do segredo das conjuras, o ruído dos ratos roendo nos cereaes, esfaimados e em bandos.

E eis como foi até agora a historia do velho palacio onde os regeneradores reuniram em assembléa geral, um seculo depois de Junot ter chegado para dominar Portugal. Agora, ás noites, o palacio já não é sinistro já não é terrivel, já não faz medo aos que lá passam a caminho da Junqueira iluminada.

# QUEM ÉRA CROMWELL

O dictador Cromwell é uma personagem singular na historia da Inglaterra, e o espectáculo d'esse paiz, tão cheio sempre de amor e respeito pelas suas leis, supportando o jugo tyrânico a que o sujeitou um aventureiro usurpador dos direitos parlamentares, que, no dizer severo de Hume, começou pelo fanatismo para acabar na hypocrisia, é admiravelmente suggestivo, principalmente pela lição que offerece no desfecho: — o renascimento inevitavel da liberdade do meio das violencias e da escravidão do absolutismo, que já-mais pôde triumphar em parte alguma senão de um modo transitorio.



*Retrato de Oliveiro  
Cromwell*



Oliveiro Cromwell nasceu no condado de Huntingdon a 25 de abril de 1599, segundo a contagem do antigo calendario que se conservava nos Estados protestantes. O pae, que nunca saíra da sua provincia, era cervejeiro, e por isso a fortuna com que podia contar o filho era modica. Effectivamente a origem dos largos haveres de Cromwell, que lhe permittiram representar a comedia do desinteresse pessoal, foi o seu casamento com Elisabeth Bouchier, herdeira de uma das familias mais ricas do condado.

O joven Oliveiro começou a estudar na escola da sua localidade, e alguns dos seus biographos referem que um dia, estando só no quarto em que residia na escola, imaginou di-

visar uma aparição que lhe prophetizou os successos extraordinarios do seu futuro. Assim se teria fixado no seu espirito exaltado a idéa de uma missão providencial a cumprir. Da escola de Huntingdon passou, aos 16 annos, para um collegio de Cambridge, e d'este foi mandado para Londres, a fim de seguir o curso de jurisprudencia.

Cromwell consagrava-se pouco ao trabalho, porém, e arrasado pela impetuosidade do seu caracter e pelas inclinações violentas do seu genio desordeiro, tornava-se uma especie de espadachim, passando a vida em correrias e disturbios nocturnos. Ficou, por isso, sempre um espirito sem grande cultura, que deveu apenas à sudadia de que era dotado a posição que alcançou.

Em 1628 Cromwell foi eleito membro do parlamento, e ali as suas diatribes contra os bispos constituíram desde logo nova demonstração do seu caracter violento e rancoroso. Dissolvida esta camara, viu-se forçado a doze annos de abstenção, que aproveitou para andar fazendo discursos misticos pelas reuniões dos puritanos, em que se penitenciava dos seus erros antigos e promettia encetar uma nova vida. Voltaire suppõe que estas manifestações de arrependimento e protestos de emenda das suas opiniões e modo de proceder eram realmente feitas de boa fé, e que Cromwell só se tornou hypo-

crita à medida que o seu instincto primitivo refinou na posse do poder; outros historiadores, porém, attribuem-nas desde o começo já a fingimento e calculo da sua ambição. E na verdade a hypothese mais provavel é que a sua conver-

são não tivesse passado de uma habil es- perteza, que, em todo o caso, pôde ter sido mais ou menos inconsciente da sua parte.

A verdadeira historia politica de Cromwell pôde dizer-se, pois, que começa com o Long parlamento em 1640, em que elle, apresentando-se como republicano intransigente, pre-



Carlos I preso no castello de Carisbrook, composição de R. Smirk e gravura de George Noble

parou a revolução associado com Hampden. Não era um orador correcto e muito menos possuia qualquer elegancia na phrase ou elevação nos conceitos, mas tinha a voz aspera e a linguagem apaixonada, por vezes até grosseira e mordaz,



o que lhe dava um certo relevo no ataque. O parlamento deu-lhe uma comissão no exercito, e n'essa qualidade vem-o cooperar nas victorias contra as tropas realistas de Marston-Moor e Newburry, e, em seguida a esta ultima, atraioer na camara o seu chefe, o general Manchester, tornando-se desde então o chefe dos independentes liberaes.

Falta-nos, porém, o espaço para contar aqui miudamente os episodios da guerra civil, que serviu para augmentar a preponderancia já nascente de Cromwell e lhe forneceu os elementos de poder realisar os seus designios ambicio-

so. Para isso finge até, n'um dado momento, ter a intenção de restabelecer Carlos I sobre o throno, e, pelos seus conselhos calculados e insidiosos, consegue leval-o a fugir para a ilha de Wight, cujo governador era pessoa da sua confiança. Declara-se então abertamente contra o rei na camara dos commons, reprime duramente a segunda revolta dos realistas, e consegue finalmente, depois da prisão arbitraria de varios membros do parlamento pela força armada, fazer votar a morte de Carlos I, que fôra conduzido da ilha Wight para o castello de Windsor.

«Foi preciso, diz Villemain, violar centenas de vezes tod's as formulas de justicia e todos os direitos de liberdade antes de concluir, em nome do povo, este tremendo crime.»

Depois da proclamação da republica, Cromwell dirigiu o massacre desapiadado na Irlanda dos insurrectos realistas e catholicos, e estabeleceu-se em seguida em Whitehall e Saint James, fazendo suas essas residencias reaes.

Dissolveu o parlamento que o tinha feito subir tão alto e conseguiu que em um

conselho de officiaes lhe fosse conferida a dignidade de *lord Protector*, governando com esse titulo durante oito mezes. Outro parlamento, eleito depois d'esse periodo, foi dissolvido por se ter mostrado menos flexivel á vontade do dictador, que continuou a governar á sua vontade durante mais 18 mezes. E' então que intenta arrogar-se o nome do rei, e um novo parlamento, que elle prepara de fôrma a servir cegamente os seus intentos, offerece-lh'o effectivamente. Após longas hesitações Cromwell recusa, porém, adiando, pelo receio das consequencias, a realisação de um sonho, que a morte afinal veiu dissipar.

Effectivamente, parece que se a morte não tivesse interrompido, quasi de repente, mas de um modo natural, tão audaciosa carreira, Cromwell teria chegado a ser proclamado rei da Inglaterra. Morreu, porém, a 3 de setembro de 1658, nas condições que exprime por esta fôrma o seu epitaphio: «Depois de uma doença de 14 dias, d'uma febre, com grande confiança e serenidade de alma, em paz, no seu leito.»

O tempo que a sua obra prevaleceu depois da morte do Protector foi bastante escasso como todos

sabem, e poucos mezes após as solemnes extequias, que, com apparato verdadeiramente real, lhe foram feitas, o seu corpo foi desenterrado da capella de Henrique VIII em Westminster e pendurado n'uma forca, em Tyburn. Assim é inevitavelmente perecivel toda a auctoridade e rapidamente arruinavel toda a construção politica que se não fundam no direito e na justiça. Menos de dois annos depois da morte de Cromwell a monarchia era restabelecida, e em



A filha de Cromwell accusando o pae da sua violencia, desenho de H. Tresham e gravura de Sioy



seguida ao doloroso periodo de tyrannia e de anarchia que vinha de encerrar-se, Carlos II abria para a Inglaterra uma nova era de repouso e de liberdade.

Tal foi a personagem singular que se chamou Oliveiro Cromwell, mixto de qualidades

tidamente o comprehendeu quando disse:

«Cromwell gracejava em presenca dos nossos soffrimentos; estimava dizer ou fazer coisas phantasticas e desarrazoadas, ainda que não fosse senão para mostrar que tinha poder para tudo.»



*Cromwell oppoñdo-se a uma revolta de tropa, desenho de R. Smirk, e gravura de Joseph Thompson*

(REPRODUÇÕES DE BENJELI DAS GRAVURAS DA «HISTORY OF ENGLAND», DE HUAR)

e de defeitos, cujo caracter ficou indefinivel na historia, mas, em todo o caso, pouco sympathico. Foi porventura Cowley quem mais ni-

mos dizer que o homem fatal de que nos occupamos apparece com o mesmo caracter obscuro e sombrio e nas mesmas condições tragicas para a liberdade.

De facto é a preocupação de mostrar força que principalmente parece guiar e determinar muitos dos seus actos, é a vaidade de exhibir o seu poder dictatorial que em muitas occasões parece apenas inspiral-o, e não uma idéa elevada de interesse publico ou um largo pensamento de reformas politicas, que, de resto, segundo alguns criticos historicos, não cabiam na sua capacidade estreita.

Tivemos de desenhar a physionomia de Cromwell por assim dizer isolada dos factos e das circumstancias da sua epoca, porque seria fatalmente bastante longo o espaço que nos tomaria essa descripção, por mais resumida que a escrevessemos, da revolução da Inglaterra. Creemos, porém, que é sufficientemente conhecida essa historia das «agitações turbulentas de um povo, que procura violentamente a liberdade, e que caindo por uma vicissitude, quasi inevitavel, sob um poder mais absoluto do que aquelle que havia derribado, se torna assim mais poderoso e faz nascer a liberdade do meio dos seus furores e escravidão.»

Em qualquer dos livros que referem essa historia deve-



# LACTARIO DE LISBOA



A obra meritoria do Lactario de Lisboa, que tão altos serviços está prestando á população infantil da capital, oppondo uma forte barreira á mortalidade que todos os annos a distancia n'uma tão intensa proporção, é ainda pouco conhecida e bem menos protegida do que o merece. Entende, por isso, a **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** praticar um acto de justiça chamando a attenção para essa bella criação de vida a uma caridade verdadeiramente intelligente \*\*\*\*\*

A sorte das creanças na capital é das mais lamentáveis pelo atraso geral de todas as noções de hygiene infantil. A hecatombe annual dos pequenitos lisboetas é formidável. O dr. Jorge Cid, director clinico do Lactario, affirma em um jornal de caracter medico: «Em Lisboa morrem por anno, em média, 9 mil pessoas. N'este numero vão incluídas perto de 2 mil creanças com menos de um anno de idade. De 0 a 2 annos morrem de diarreias e enterites,

em média por anno, 750 creanças na capital e mais de 8:000 em todo o reino». Causa pavor, tanto mais que da percentagem que consegue escapar á morte a maior parte é composta de enfezados e de rachiticos. E' uma população citadina fraca e incapaz que desde ha muito

produzimos, e cujo estiolamento completo teria occorrido já se não houvesse a intervenção constante dos elementos fortes e sadios que do resto do reino são attrahidos á fôrnalha da capital para serem devorados no fogo da sua vida intensa.

Ao contrario do que succede na provincia, onde a mulher continúa vivendo na casa da familia, occupada com os trabalhos domesticos, criando, por isso, ella, os filhos numerosos, em Lisboa a mãe vae á fabrica, trabalha fóra como o pae, e não pôde, portanto, amamentar o filho. Em tal caso é o biberon que substitue a mãe ausente; mas como ha, em regra, pouco cuidado na sua desinfeção, como o leite com que o enchem é, quasi sempre, de má qualidade e facil de alterar-se, e como é vulgar não esperar as ho-



Dois protegidos do Lactario



ras convenientes das refeições e exceder a quantidade estabelecida para cada uma, o resultado que d'ahi provém são as infecções intestinaes, que determinam uma tão larga mortalidade precoce. Toda a gente tem um grande medo do croup e da diphtheria, da variola e da escarlatina, das anginas e de varias outras doenças infantis, e comtudo são, pelo contrario, as diarreias e as enterites que maior numero de victimas produzem.



O principal inimigo das creanças é, pois, o mau leite, e depois d'elle a ignorancia das mães, que as leva a commetter diversos actos, que se tornam bastante nocivos á saude dos filhos. Bastará dizer que a super-alimentação constitue tambem, por si, uma das causas que originam as desordens gastro-intestinaes, mas que é rara a mãe que não suppõe dever dar ao seu filho a maior quantidade de leite possivel... para o tornar mais forte e gordo. Ora, quando uma criança absorve uma porção de leite excedente á necessaria para a sua alimentação, — ainda mesmo que se trate do proprio leite materno, — a sua prolongada estacão no estomago dá logar a formarem-se substancias toxicas, que irritam o intestino e o inflammam. A consequencia é inevitavel: — a enterite, com a diarreia e o mais.



Para combater todos estes inconvenientes, para tentar salvar muitas crianças da garra da morte, é que se fundaram em França, onde a mesma coisa acontecia, consultas especiaes, e depois o estabelecimento do dr. Léon Dufour em Fécamp, destinado a fornecer leite de vaca esterilizado, e pittorescamente denominado — a *Gôta de leite*. E immediatamente a proporção da mortalidade nas primeiras edades decresceu, de facto, de um modo bem accentuado. As *Gôtas de leite* eram o remedio proficuo para evitar que cada anno succumbisse á enterite



Varios frequentadores do Lactario de Lisboa

um numero tão avultado de creanças, e por isso o seu exemplo fructificou rapidamente.

A Associação Protectora da Primeira Infancia foi fundada em 1901, sendo, portanto, bastante nova ainda. Creou-se com o fim inicial de estabelecer lactarios para o fornecimento de leite e seus sucedaneos, segundo as prescripções technicas, ás creanças de peito que não possam ser amamentadas pelas mães por qualquer motivo justificado, e dentro de pouco construiu effectivamente, na vizinhança de um dos bairros pobres e mais populosos da cidade, o edificio onde se installou o primeiro Lactario de Lisboa, feito conforme o plano da Gôta de leite de Fécamp. Entre os dois estabelecimentos cumpre notar que existe, porém, uma differença basilar. No dispensario do dr. Dufour a ração de leite fornecida é sempre paga, embora aos pobres custe apenas uma quantia minima; no nosso Lactario o leite é distribuido gratuitamente.

Situado ao pé de Alfama, em que a miseria do organismo se ajunta á miseria da existencia, acudiram ao Lactario desde a sua abertura muitas mães pobres a pedir leite. Assim, logo no primeiro anno do seu funcionamento (1903-1904) distribuiram-se 19 mil litros, e successivamente essa distribuição foi augmentando attingindo 21 mil litros no anno seguinte e 23 mil no terceiro. N'este anno a distribuição foi ainda maior.

Desde o segundo anno da sua existencia, além d'isso, o Lactario de Lisboa não limitava já a respectiva acção á distribuição gratuita do leite. Estabelecia uma consulta medica diaria para as creancinhas que se aproveitam d'essa distribuição, fornecendo ainda ás mães, no caso de extrema pobreza, os medicamentos prescriptos. Para conseguir, á custa só da iniciativa particular, fazer isso tudo, calcula-se quanta

Mais frequentadores do Lactario de Lisboa





tenacidade empregaram e quantos esforços dispenderam os empreendedores da obra benemerita, que a Associação Protectora da Primeira Infancia representa e com tóo brilhante resultado prosegue.

A impressõ que se recebe n'uma visita ao estabelecimento do largo do Museu de Artilharia, onde está installado o primeiro Lactario de Lisboa, é bastante agradável, e, por sua vez, o espectáculo a que ali pode assistir-se, á hora da consulta, ou em qualquer das duas distribuições de leite que se realisam diariamente, esse desperta a mais viva sympathia pela obra amovavel da Associação Protectora da Primeira Infancia.

O edificio, sem qualquer signal de luxo, apresenta, comtudo, uma certa elegancia na sua simplicidade, e o seu pequenino jardim, na frente da entrada, dá-lhe um ar de alegria e um tom de frescura que predispõem favoravelmente o espirito. Dentro ha abundancia de luz e de ar e o asseio impecavel, que n'um estabelecimen-



Um grupo de clientes do Lactario—O dr. Jorge Cd auxiliava a mãe—Uma mãe com a respectiva provisõ de leite—A pesagem—No jardim do Lactario: grupo min com os filhos aguardando a consulta

to de semelhante natureza se torna, naturalmente, uma das coisas mais indispensaveis.

As installações satisfazem todos plenamente, e de todos os recursos necessarios ao seu fim está provido

eficientemente o Lactario de Lisboa, conforme o saheceram, da maneira mais lisongeira, os mediceos e higienistas estrangeiros, que, por occasião do ultimo Congresso de Medicina, visitaram o estabele-

cimento. E' com legitimo prazer e ufania que a direcção regista este valioso testemunho, em uma pagina do seu ultimo relatório, pelos seguintes termos:

—Impossivel registrar as impressões e phrases de louvor que ouvimos a muitos dos congressistas; no emtanto não devemos deixar de referir as de Mrs. Harrich Alexander, medica em Chicago. Como se sabe, é este um dos paizes onde as questões do aleitamento artificial merecem a mais acurada attenção, graças á orientação das entidades officiaes e philanthropia da iniciativa privada. Pois bem. No dizer, que nos pareceu bem sincero, d'esta illustre profissional americana, se outras obras de indole da nossa conhece, que com ella se não podem comparar pela largueza dos beneficios dispensados, pois estendem a milhares de crianças soccorros diarios, nenhuma, porém, lhe deixa melhores impressões que a de Lisboa, pelo conjunto dos serviços e principalmente pela estabulação das vaccas. Em todas as Gotas de Leite que vi-

sitára, em nenhuma encontrára tal installação, que julga de importancia capital; embora na America o leite utilizado pelas instituições philantropicas offereça todas as garantias (*leite certificado*), no emtanto



o systema de manter as vacas por conta propria e debaixo da fiscalisação immediata dos technicos e da administração merecê parte particular sympathia.»

Os autoclaves para a esterilisação do leite e os appa-relhos me-chanicos

Verificação do peso  
— Uma creadeira artificial  
— Um grupo de vacas no paeo do Lactario



*O dr. Jorge Cid, director clínico do Lactário de Lisboa, examinando as crianças na consulta*

para a lavagem das garrafas constituem o material fundamental dos lactários. No de Lisboa ha, além d'esse, creadeiras para as creanças nascidas antes de tempo, que ainda não tiveram, porém, ensejo de funcionar. Estabeleceu-se também uma instalação balnear, com pequenas tinas de marmore, destinada a simples banhos de limpeza ou medicamentosos, contando-se n'este ultimo grupo os banhos salgados para as creanças mais debéis.

O Lactario faz, como já dissémos, duas distribuições de leite quotidianas, uma de manhã e outra á tarde. As mães levam o leite em garrafas, que se adaptam a um dispositivo especial, especie de cesto, de metal nikelado, e cada uma das quaes contém a quantidade que deve ser fornecida a uma refeição. Restituem o cesto de garrafas despejadas e levam outro com garrafas cheias. O desfile é curioso e animado, porque o Lactario fornece mais de cem refeições diarias.

O movimento das consultas é egualmente interessante. O seu numero excede a duas mil por anno, não contando as visitas domiciliarias do medico, quer com o fim de prestar socorros clinicos, quer no intuito de verificar o modo como são cumpridos os preceitos hygienicos. Vale a pena vêr as mães que acodem a submeter os seus filhos ao exame do medico. Conforme é facil de calcular, a consulta não se passa, a maior parte das vezes, com tão jovens clientes, sem gritos e protestos. Alguns, contudo, manifestando uma precoce ponderação, deixam-se auscultar e pesar, pacífica e pacatamente, como pessoas sérias. Os graciosos e encantadores bebés! Ainda mais faz, porém, o Lactario de Lisboa, excedendo assim largamente as instituições similares estrangeiras. Auxiliado pelas suas damas protectoras, fornece muitas vezes rou-



*Diversos frequentadores do Lactario.*

pas ás creanças mais necessitadas, ás que apparecem mais mal vestidas, mais desprovidas de conforto. Simplesmente, todos esses socorros que prodigalisa tem fatalmente que restringil-os a um numero limitado, que circumscrevel-os dentro dos seus recursos, provenientes principalmente das quotas dos socios, e que precisam ser administrados com a maxima avareza para que a despeza os não ultrapasse, creando deficits irremediaveis.

A Associação Protectora da Primeira Infancia conta, na realidade, perto de dois mil socios, atraídos pela benemerencia da sua tarefa e por um activo proselytismo. Mas, para proteger os pequeninos, fixou-se tambem uma contribuição pequena: um tostão por mez. Ora é preciso amehlar muitos e muitos tostões para poder acudir a todos os dispendios do Lactario, o mais grosso dos quaes é o da aquisição e da sustentação das boas vacas, nedeas e pacificas, que, ali no estabulo do largo do Museu de Artilharia, fornecem o leite necessario para a dupla distribuição quotidiana. A este respeito cumpre dizer tambem que a installação para a produção de leite pode considerar-se modelar, e foi essa mesma a opinião que

nas de 3 por cento. Dois annos mais tarde a mortalidade por enterite mantinha-se constantemente em 10 por cento na cidade de Fécamp, ao passo que entre os clientes da Gota de Leite descia a 1 por cento. Por outras palavras, de cem crianças que cada anno succumbem á enterite, as Gotas de Leite poderiam salvar 90. Não pode haver demonstração mais decisiva, nem confirmação mais plena, dos beneficos e da utilidade social de semelhantes estabelecimentos, pois; e tambem não admira, por isso, que tão bella e generosa obra caritativa se tenha rapidamente propagado em França e de lá irradiado para o estrangeiro, tendo chegado já á America e á propria Asia. Foi igualmente merecido o prestigio alcançado pelas Gotas de Leite, pelo brilhantismo dos seus resultados, que inspirou e impulsionou os nobres espiritos que se dedicaram com tanto empenho á sua acclimação em Portugal.

Deixámos descripto o Lactario de Lisboa e expostas as suas condições de existencia, bem como os serviços que presta, especialmente á população de Alfama. Comprehende-se quanto para as mães que habitam mais longe se torna penosa e ás vezes impossivel a com-



As gêmeas de Chellas (Maria e Emilia) que receberam leite do Lactario

exprimiram os agronomos e veterinarios, e muitos lavradores, que, por occasião do Congresso nacional de Leitaria e de Olivicultura, em maio de 1905, visitaram o Lactario. E já que nos referimos a esta visita não queremos deixar de registar aqui as palavras escriptas em louvor do Lactario, no respectivo livro, por um dos membros mais distinctos d'aquelle congresso, e particularmente competente na sua dupla qualidade de medico e de agricultor, o sr. dr. Oliveira Feijão. Essas palavras, que encerram uma constatação bem expressiva, são as seguintes: «Muitas instituições d'esta ordem salvariam em Lisboa muitos centos de creanças, que morrem por alimentação insufficiente na primeira infancia. Isto faz todo o elogio.»

Algumas notas estatísticas referentes á cidade de Fécamp e á Gota de Leite que ali dirige o dr. Dufour são a melhor prova, a mais convincente, da influencia valiosa que taes instituições exercem sobre o decrescimento da mortalidade infantil. Durante o anno de 1896-1897 approximadamente 10 por cento das crianças que nasceram em Fécamp morreram de enterite; mas entre as que foram levadas á Gota de Leite, a mortalidade por enterite foi ape-

parencia quotidiana á distribuição do leite. Os directores da Associação Protectora da Primeira Infancia, o desvellado medico que occupa o lugar de director clinico, e que tanto coração põe no seu desempenho, esforçam-se, é certo, não só por abrir postos de distribuição do leite em outros pontos da cidade, mas ainda para alargar a area da acção caritativa do Lactario de Lisboa. Faltam, porém, meios, já o dissémos, e é a nós todos que cabe, portanto, o dever de auxiliar os seus esforços para o desenvolvimento de uma tão bella obra humanitaria e ao mesmo tempo patriótica. Em Portugal não falta caridade, espontanea, generosa, liberal; o que mais falta, quasi sempre, é uma boa direcção para ella, gastando-se em esmolhas mal applicadas bastante dinheiro que podia ser empregado a outros fins mais proficuos de beneficencia. Um d'esses, que indicamos aos nossos leitores e que sinceramente lhe recomendamos, com o maior interesse, porque realmente o merece, é o Lactario de Lisboa.

(REPRODUÇÕES E CLICHÉS DE BRNOLIEL)



# UMA SESSÃO PARLAMENTAR

## EM 1822



*Este interessantíssimo documento histórico, pela primeira vez traduzido em português, faz parte da correspondência colligida em 1827 por Léonard Gallois e editada por Charles Bechet com o título Lettres Historiques et Politiques sur le Portugal. A reprodução dos retratos de alguns dos deputados das côrtes constituintes de 1822, executados pelo lapis genial de Sequeira, imprime um singular relevo á publicação do quadro pittoresco e animado do italiano, que a Illustração Portugueza dá hoje a conhecer aos seus leitores:*

Lisboa, 26 de fevereiro de 1822

Ante-hontem, finalmente, pude assistir a uma sessão das côrtes. Retardei, talvez, o gozo de um tal espectáculo, mas como bom epicurista deixo sempre para o fim os prazeres mais intensos.

As côrtes reúnem-se n'um velho convento dominando o Tejo. Um convento não é, para dizer a verdade, logar dos mais convenientes para as sessões de um congresso. A sua situação não podia, porém, ser mais apropriada para inspirar aos deputados portuguezes o sentimento da glória e da felicidade da nação, pois que assim os reúne em frente da praia gloriosa de onde levantou ferros a esquadra de Vasco da Gama.

A entrada das galerias parece-se demasiadamente com a de um theatro de saltimbancos. Ter-lhe-hia tirado as tapearias que as decoram com tanta impropriedade. A sala é vasta e simples. Nenhum ornato distrae o espectador da attenção que lhe impõem cento e quarenta cabeças, ás quaes Miguel Angelo não saberia dar uma expressão mais energica.

Estava já aberta a sessão quando cheguei. Quasi todos os oradores falam com prodigiosa facilidade. E' surprehendente que um povo a quem sempre faltaram ensejos para cultivar a eloquencia da tribuna possa exprimir-se com

tanta facilidade. Este talento oratorio deve attribuir-se não só á imaginação espontanea dos mericionaes como tambem aos recursos da lingua portugueza. Todos os povos são poetas, mas só os povos do sul são improvisadores.

Absorvera-me na contemplação de todos aquelles rostos morenos, de sobranceiras arqueadas, de olhos grandes e negros, quando um deputado, ao erguer-se, desviou para elle todas as attenções. As linhas do seu rosto eram austeras e fortemente caracterisadas. Os seus olhos ardentes fulguravam. Os seus cabellos asperos e curtos principiavam a embranquecer. A face era de um moreno bilioso. A sua voz resoava como o estrondo do raio, exprimindo idéas lapidares, em phrases concisas e nervosas. Não havia no seu discurso nem circumlocações rhetoricas, nem lisonjas, nem offensas. Dir-se-hia que não o preocupava a impressão produzida no auditorio. Com os olhos fixos no presidente, era evidente que apenas escutava a inspiração da sua consciencia.

A attenção avida e respeitosa com que todos o ouviam veio ainda exaltar a minha curiosidade. Perguntei quem era aquelle deputado, que assim dominava o congresso. — «E' Fernandes Thomaz, o pae da nossa revolução», disseram-me. Foi elle quem concebeu o projecto, quem o participou aos



Manuel Fernandes Thomaz  
Primeiro membro da Associação  
que preparou e produziu  
em resultado o dia 24 de Agosto  
de 1820



seus amigos, unindo-se a um grupo fiel para o pôr em execução. E' um dos nossos mais sabios juriconsultos. Sob a tirannia mostrou-se inflexivel; manteve-se modesto no triumpho. E', n'uma palavra, o nosso Catho. Toda a sua

existencia tem sido consagrada á patria. Desdenha dos favores da côrte e não ambiciona os do povo. Direis, ao vê-lo, que é um homem d'uma saude robusta, mas o estudo debilitou aquelle organismo de

luctador. Adoece frequentemente e são esses dias de tristeza para o povo de Lisboa, que o idolatra.»

Depois de Fernandes Thomaz uma outra per sonagem, de elevada estatura, se ergueu para falar. A principio lento na expressão das idéas, em breve a sua palavra adquiriu o impeto irresistivel de uma torrente. Guvi pronunciar o nome de Borges Carneiro. Este deputado é dos que mais provoca o entusiasmo do auditorio. As suas moções são sempre audaciosas e lisongeiam as paixões populares.

O terceiro a usar da palavra foi um padre revestido dos seus ornamentos pontifices, de pequena estatura, calvo e com uma voz debil. Estava em discussão um regulamento militar e o padre discutia-o sem hesitações e sem surpresas. Perguntei ao meu vizinho se aquelle ecclesiastico, que intervinha em negocios militares, era um templario.

— «Não — respondeu-me com um sorriso, E' Castello Branco, professor da Universidade de Coimbra, e um dos nossos mais notaveis eruditos. Antes da Revolução pertencia ao tribunal da Inquisição. Hoje consagra a sua eloquencia encyclopedica na defesa da Liberdade.

— «O partido *servil* não pede então nunca a palavra?»

— «Nunca — respondeu o meu vizinho. E' mudo mas ouve tudo quanto se diz.

Apesar da distancia entre a cidade baixa e o palacio das Côrtes ser approximadamente de uma legoa, as galerias reservadas ao publico estavam repletas. A ordem a mais preterita ali reina ordina-



Significação da presente allegoria

*AMUITO* Nobre e distincia Cidade do Porto he representada na figura de huma respeitavel Meirona tendo a frente ornada de Castellos, e as Armas que a distinguem, ella se mostra no centro de dois valerosos Guerreiros com a espada levantada jurando a Constituição; o Guerreiro q. se mostra á sua destra representa a aguerrida Tropa da Capital: o que se vê á sua sinistra representa a Tropa das Provincias. Em lugar distincio, e superior, se deixa ver a nossa Santa Religião, da qual emana hum rayo de luz, que reflecte sobre a Effigie do nosso muito amado Soberano D. JOÃO VI o Genio da Nação o Corão, e Minerva acompanhada da Prudencia, e da Vigilancia, lhe apresenta a Constituição; do lado direito se driza a populosa Cidade de Lisboa com tres VVV ligadas, que significão os tres vivas q. soardo em todo o Portugal, no fundo hum tronco seco, e no obelisco, que sobe as Esferas, está escrito Gloria de Reis. Hercules calca aos pés os horrosos viciaes, a Historia escreve as acções gloriosas, e memoraveis, que eternizão desde remotos seculos os incógnitos Heroes da Lusitania, o Genio Nacional extermina a estupidicez para fora da Luz Monarquia: a figura da Nação mostra em hum quadro o Prospecto do Palacio do Governo e admira com o mais vivo transporte de alegria, a União e regozeio com q. aquella Praça concorreo a Valerosa Tropa e fiel Povo Portuguez no memoravel dia 15 de Setembro de 1820, junto ao mesmo quadro se vê hum tronco q. principia a reverdecer com esperanças da mais brilhante primavera a Poesia figurada nos Círcos decantia sobre as margens do Tejo, a nobre resolução dos afamados Heroes do Tejo, e Douro, os quaes não satisfeitos com os preteritos (mas nunca esquecidos Triunfos) ambicionão fervorosamente immortalizar a Gloria do Nome Portuguez.

riamente. Mas como n'esta sessão o deputado do Brazil, Andrada, se levantasse para combater a opinião de Borges Carneiro, o povo principiou a agitar-se, exaltado pela eloquencia do seu tribuno. Este, dominando o rumor, logo o aplacou com esta apostrophe:—«Tendes de permanecer dentro dos limites do respeito. Nas eleições sois reis; aqui dentro vassallos!»

Não resisto á tentação de contar uma anecdota que vos provará quanto os deputados portuguezes são zelosos da sua dignidade. Antes da Revolução, o rei tinha por costume dar a mão a beijar a todos os que vinham á sua presença, e este habito era menos indecoroso que o estabelecido pelo Papa de dar a beijar o seu pantofo. Quando o rei entrou pela primeira vez nas côrtes, S. M. offereceu a mão a beijar ao primeiro dos deputados que d'elle se acercou. Este, porém, fingido acreditar que o rei exprimia com esse gesto real a necessidade do seu amparo, pegou-lhe na mão, apoiou-a ao seu braço e subiu a escadaria com S. M.

As côrtes extraordinarias estão installadas desde 26 de janeiro de 1821, para redigir a constituição sobre as bases fundamentaes já approvadas e juradas pelo povo e pelo soberano. Espera-se que esta delicada tarefa esteja terminada no proximo mez de agosto. A experiencia fornecida pela Hespanha guiou os legisladores portuguezes. Esta nova constituição contém todas as *errata-corrige* de que a de Cadiz necessita. O soberano conserva o seu titulo de rei, mas o seu poder não será maior que o de um doge. O congresso emprehe lentamente as reformas. Dir-se-hia que adoptou a maxima de construir antes de des-

truir. A unica reforma que até hoje feriu alguns interesses privados foi a lei que reduziu de metade os direitos senhorias. Os frades e os morgadios estão ainda intactos, assim como as riquezas escandalosas do alto clero. As commendas não reverterão para o Estado senão depois da morte dos titulares. A direcção da policia e das milicias foram igualmente mantidas. Não é que o congresso se fisongeie de desarmar pela sua longanimidade os inimigos da liberdade, mas porque carece de ganhar tempo e forças antes de entrar em lucta.

Chegado aqui, a minha imaginação e o meu coração obrigam-me a voltar os olhos para a Italia. Quando considero as difficuldades que as outras nações encontram para o estabelecimento do regimen constitucional, não posso deixar de revoltar-me contra o destino que persegue a minha patria. Pois haverá no mundo terra mais propria para o desenvolvimento da arvore da Liberdade? com excepção do Piemonte, onde algumas das goticas instituições destruidas resuscitaram em 1814, que é em Italia a massa de interesses e preconceitos contra os quaes teria de chocar-se o regimen constitucional? Todas as grandes reformas foram principiadas a meio do seculo passado e concluidas por Napoleão. Se a tendencia para um governo adaptado á civilisação constitue um dever civico, nenhum povo, depois do francez, pode envaidecer-se de ter, tanto como a Italia, direito a um regimen constitucional.

CONDE JOSÉ PECCHIO.



Retrato de Manuel Borges Carneiro  
(Reprodução de uma aqua forte)

#### O triumpho maior da Luzitania

*A presente allegoria demonstra Portugal intimando a Minerva os lhe patensis os nomes dos Heróes escolhidos para pôr em pratica o seu plano: a Deozalhe mostra em hum livro 2 todos os Illustras e Benemeritos Varoés que se devem unir para formar as Cortes, e a Constituição. Por cima do Throno está a Effigie do Nozso Augusto Soberano 3 e nas Columnas que a Sustentão, Se vêem escriptos em medalhas os sempre memoraveis nomes dos Illustras Heroes Portuguezes, que formarão a novo Governo. Hum Genio com este distincto em huma fita—O Triumpho maior da Luzitania—Em lugar idoneo se deixão vêr as duas cidades personalizadas Lisboa 4 e Porto 5 dando as mãos em sinal da mais perfeita harmonia e união. A Tropa entrando na Capital por baixo de hum grande arco Triumphal que tem nas Columnas que o sustentão grandes medalhas com os nomes dos Heróes do Douro e Tejo. A nação 6 manda escrever á figura da Historia 7 este memoravel Triumpho. A figura da Genealogia 8 tem na cabeça o Tronco da Real Casa de Bragança onde se vê a Coroa de Sua Magestade o Senhor D. João VI e do Principe Real e de Sua Augusta Neta: mostrando este Tronco os Benaventurados Fructos que todos devemos esperar de tão Virtuosa, e Soberana Família. Observa-se o Tejo 9 e junto a elle humo figura allegorica, e diversos Genios offerendo os seus donativos ao Governo Supremo, e Marie 10 ao lado direito do quadro mostranno o incomparavel valor da distincta Nação Portugueza, que elle sempre escudou e hade eternamente proteger para assombro e admiração de todo o Orbe*



# O DEPUTADO

## D. RAFAEL CALZADA - EM LISBOA



Na estação do Rocio: Grupo de deputados e jornalistas hespanhoes: O sr. dr. Bernardino Machado tendo á direita

D. Rafael Calzada e á esquerda o antigo deputado Morayta  
 — A bordo do paquete «Uruguay»: D. Juanita Gonzalez, D. Cellina Calzada, sr. Fernandez Lopez,  
 D. Carlos Calzada e D. Rafael Calzada

— Saindo da estação do Rocio: Os jornalistas e deputados republicanos hespanhoes — O sr. D. Rafael Calzada, conversando  
 com os seus amigos — O sr. dr. Bernardino Machado, o sr. dr. Rafael Calzada e o sr. D. Luiz Morole

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

# AS CLASSES INATIVAS



Todos os viajantes estrangeiros que no grande espaço de dois seculos vieram espreitar com olhos curiosos a vida portugueza dedicaram palavras de surpresa ao numero consideravel de ociosos que povoam despovoada Lisboa e tantas vezes a fizeram comparar a Napoles: a cidade dos *lazzaroni*.



E de facto, para quem vem dos torvelinhos humanos das grandes capitais, Lisboa tem o ar de um

soalheiro conventual. A certas horas do dia, o Terreiro do Paço parece um repousado e immenso

claustró. Falta aos transeuntes esse caminhar apressado de quem leva um destino, uma preocupação ou uma tarefa. Lisboa não tem talvez uais ociosos do que outra qualquer cidade, grande ou pequena, do mundo. Mas o ocioso de Paris, como o ocioso de Londres mal se vêem entre o phrenético turbilhão de vida que enche e entupe as ruas. O ocioso é ali apenas um comparsa em quem ninguém repara. Em Lisboa, o ocioso occupa o primeiro plano, eleva-se da obscuridade de figurante até à di-



que n'outras terras são expressões de actividade, em Lisboa adquirem a immobilidade aparente do ocio. Atravessae a cidade ao meio dia. Na praça dos Restauradores os cocheiros dormem ou leem *O Seculo* na boleia das tipoias. No Rocio, outros cocheiros cabeceiam ou



gnidade de personagem evidente. Lisboa tem ainda o record do modo de vida ocioso. Profissões

chupam cigarros. No largo de Camões, os gallegos cuchilam ás esquinas. E' com esforço que nos ca-



se sem pressa. Nos bancos do Rocio ha ainda gente que dorme. Um simples cumprimento faz parar na rua os conhecidos. N'esta cidade de gente sem pressa ninguem tem tempo para cousa nenhuma. A Lisboa cabe a gloria de haver inventado uma nova classe social: a dos inactivos.

E depois de a haver creado, Lisboa occupou-se



fés os consumidores se despegam das mesas. E' de vagar que os clientes sahem das lojas. Caminha-

desveladamente do seu conforto. Em todá a parte onde ha uma sombra, a municipalidade (dispoz um



banco para o inactivo. A' falta de monumentos, o municipio encheu de bancos a cidade. Ha-os desde as mais remotas avenidas novas até ao Rocio, até ao Terreiro do Paço, até á praça de Camões. Symbolo da indolencia lisboeta, o banco está em toda a parte. As estatisticas provam mesmo que são as classes inactivas que dão maior percentagem de chentes... ao banco do hospital.



# A FESTA DA PADROEIRA NA SÉ



*S. M. El-rei entrando na Sé — S. M. a Rainha entrando na Sé  
S. M. El-rei, S. M. a Rainha, S. A. o Príncipe Real e comitiva depois do Te-Deum,  
descendo as escadas da Sé*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

# MODAS



Modas Laferrière

Vestido para a noite, em veludo cor de rosa bordado a seda e vison. Corpete com applicações

(CLICHÉ FILM)